

A retomada de Corumbá

Corumbá é um município da Região Centro-Oeste do Brasil, situado no atual Estado de Mato Grosso do Sul. Em uma posição estratégica, à margem direita do rio Paraguai, teve sua origem em setembro de 1778, em um ambiente de disputas por território entre portugueses e espanhóis. O primeiro vilarejo, denominado Vila

de Nossa Senhora da Conceição de Albuquerque, foi fundado pelo Sargento-Mor Marcelino Rois Camponês, a mando do Governador da Capitania de Mato Grosso, Luis de Albuquerque Pereira de Mello e Cáceres, com o objetivo de garantir para a Coroa Portuguesa as terras a oeste do rio Paraguai.



A história de Mato Grosso

No período colonial, a história de Mato Grosso é importantíssima, porque o governo do Brasil defendeu o seu perfil territorial e consolidou a sua propriedade e a posse até os limites dos rios Guaporé e Mamoré. Foram assim contidas as aspirações espanholas de domínio desse imenso território. Com a proclamação da nossa independência, os governos imperiais de **D. Pedro I** e das Regências (Primeiro Império) nomearam para Mato Grosso cinco governantes. No período de 7 de setembro de 1822 a 23 de julho de 1840, os fatos mais importantes foram: a oficialização da Capital da Província para Cuiabá (MT), lei nº 19 de 28 de agosto de 1835; e a “Rusga”, movimento nativista de matança de portugueses, a 30 de maio de 1834.

Em 23 de julho de 1840, foi proclamada a maioria de **Dom Pedro II**. Mato Grosso foi governado por 28 presidentes, nomeados pelo Imperador, até à Proclamação de República, ocorrida a 15 de novembro de 1889. Com a independência do Brasil, em 1822, passou a ser a Província de Mato Grosso e com a Proclamação da República, a denominação passou a Estado de Mato Grosso.

Durante o Segundo Império, no governo de **Dom Pedro II**, o fato mais relevante foi a Guerra da Tríplice Aliança, movida pela República do Paraguai contra o Brasil, a Argentina e o Uruguai. Teve início em 27 de dezembro de 1864 e terminou em 1º de março de 1870, com a morte do Presidente do Paraguai, Marechal **Francisco Solano Lopez**, em Cerro-Corá.

Os episódios mais notáveis em terras mato-grossenses, durante os cinco anos dessa Guerra, foram: o início da invasão de Mato Grosso pelas tropas paraguaias, pelas vias fluvial e terrestre; a heroica defesa do Forte de Coimbra; o sacrifício de **Antônio João Ribeiro** e de seus comandados no posto militar em Dourados; a evacuação de Corumbá; os preparativos para a defesa de Cuiabá e a ação do Barão de Melgaço; a expulsão dos inimigos do sul de Mato Grosso e a retirada da Laguna; a retomada de Corumbá; e o combate do Alegre.



A Invasão de Mato Grosso

Sem razões que justificassem tal atitude, o Brasil foi vítima de agressões do Paraguai que, em 27 de dezembro de 1864, atacou o Forte de Coimbra e, em 29 de dezembro de 1864, foi a vez do município de Dourados.

O Paraguai enviou 4.200 homens pela via fluvial, sob o comando do Coronel **Vicente Barrios**, que encontrou heroica resistência no Forte de Coimbra, ocupado por uma guarnição de apenas 115 homens, sob o comando do Tenente-Coronel **Hermenegildo de Albuquerque Portocarrero**.

Pela via terrestre, vieram 2.500 homens, sob o comando do Coronel **Isidoro Rasquin**, que, no posto militar de Dourados, encontrou a bravura do Tenente **Antônio João Ribeiro** e de mais 15 brasileiros que se recusaram à rendição, respondendo à ordem para que se entregassem com uma descarga de fuzilaria. Nessa oportunidade, o Tenente **Antônio João** enviou ao seu Comandante **Dias da Silva**, de Nioaque, o famoso bilhete dizendo: *“Sei que morro, mas o meu sangue e de meus companheiros serão de protesto solene contra a invasão do solo da minha Pátria”*.

A evacuação de Corumbá, desprovida de recursos para a defesa, foi outro episódio notável. A população saiu, através do Pantanal, em direção a Cuiabá, aonde chegou, a pé, em 30 de abril de 1865.



Antonio Maria Coelho – Barão de Amambahy.

Expulsão dos Invasores do Sul de Mato Grosso

O Governo Imperial determinou a organização, no Triângulo Mineiro, de uma “Coluna Expedicionária ao sul de Mato Grosso”, composta de soldados da Guarda Nacional e de voluntários procedentes de São Paulo e Minas Gerais para repelir os invasores daquela região. Do Triângulo Mineiro em direção a Cuiabá, eles receberam ordens, em Coxim, de seguir para a fronteira do Paraguai, reprimindo os inimigos para dentro do seu território.

A missão dos brasileiros tornava-se cada vez mais difícil, devido à escassez de alimentos e de munições, e era agravada pelas doenças oriundas das alagações do pantanal mato-grossense. Em território inimigo, as dificuldades chegaram ao limite e o Comando brasileiro decidiu, então, que a tropa deveria seguir até a fazenda Laguna, propriedade de Solano Lopez em território paraguaio e onde havia, segundo se propalava, grande quantidade de gado. Desse ponto, após repelir violento ataque paraguaio, o Comando optou por empreender a retirada, pois a situação era insustentável. Iniciou-se, portanto, a famosa “Retirada da Laguna”, o mais extraordinário feito da tropa brasileira nesse conflito, configurando-se a página mais brilhante escrita pelo Exército Brasileiro em toda a Guerra da Tríplice Aliança.



A Retomada de Corumbá

A Retomada de Corumbá foi outra página brilhante escrita pelas nossas armas nas lutas da Guerra da Tríplice Aliança. Àquela época, Corumbá era apenas uma pequena vila à beira de um grande rio. Por mais de dois anos, desde o dia 3 de janeiro de 1865, mantiveram-se os paraguaios como senhores absolutos da povoação, sem que fossem importunados.

O então presidente da Província, Doutor **José Vieira Couto de Magalhães**, decidiu expulsar os inimigos do solo corumbaense. Aceitou o plano de ataque concebido pelo Capitão **Antônio Maria Coelho**, comissionou-o ao cargo de Tenente-Coronel e organizou três corpos expedicionários. O primeiro foi comandado pelo próprio Tenente-Coronel **Antônio Maria Coelho**; o segundo, por ele mesmo, o governador; e o terceiro, pelo Major **João Carlos Pereira Leite**, partindo de São Luís de Cáceres.

O primeiro corpo partiu de Cuiabá, em 15 de maio de 1867, com um efetivo de 400 homens. Essa tropa foi levada pelos vapores **Antônio João**, Alfa, Jauru e Corumbá até o lugar denominado Alegre. Após uma marcha penosa, com água batendo na barriga, **Antônio Maria Coelho** e seus soldados atingiram Corumbá em uma tarde brusca e fria, pegando os paraguaios de surpresa, sendo que, muitos deles encontravam-se atacados pela epidemia da varíola. Por acreditar que os inimigos poderiam presentir a presença dos brasileiros na área, **Antônio Maria** resolveu, com seus oficiais, desfechar o golpe com o uso exclusivo do primeiro corpo, conseguindo, com esse estratagemas e com muita luta corpo a corpo, a recuperação da praça.

A Retomada de Corumbá não foi fácil e causou muitas mortes. Nesse confronto, o Capitão **Cunha e Cruz** perdeu a vida, assim como muitos paraguaios, cujos corpos foram lançados ao rio.

Ocorreu, também, o heroico combate do Alegre, outro episódio memorável da Guerra, no qual se destacaram, entre tantos, o Capitão-Tenente **Balduino José Ferreira**

de Aguiar, que deu nome ao farol que está à frente da cidade de Corumbá; o Major **Antônio da Costa**; e o Soldado **Chiba**, que, apesar de ter o corpo forrado de bexiga (a peste da época), sem camisa, todo esfolado pelas pústulas, o peito nu, a cintura em carne viva, não deixou de abrir fogo contra o vapor Salto de Guaira, veloz navio de guerra paraguaio, mandado em perseguição às forças brasileiras.

A posse efetiva da vila não se daria no dia 13 de junho, como se esperava. Os paraguaios ainda permaneceram em Corumbá por mais algum tempo, porque o presidente da Província de Mato Grosso, alarmado com a epidemia de varíola, ordenou que a vila fosse abandonada. Os paraguaios, encontrando-a deserta, voltaram e ocuparam-na novamente. Finalmente, deixaram-na no dia 3 de abril de 1868.

O retorno dos soldados vitoriosos à Capital da Província (Cuiabá) trouxe a varíola ao povo cuiabano, perdendo a cidade quase a metade de sua população.

A Guerra com o Paraguai terminou com a derrota e a morte de **Solano Lopez** nas “Cordilheiras” (Cerro Corá), em 1º de março de 1870. A notícia do fim do conflito só chegou a Cuiabá no dia 23 de março, pelo vapor “Corumbá”, que atracou ao porto embandeirado e dando salvas de canhão.

Corumbá entrou em uma fase de ressurgimento. A fronteira, é verdade, encontrava-se arrasada. Foi necessário bastante esforço para recuperá-la. É interessante afirmar que muitos paraguaios, depois da Guerra, vieram para Corumbá e foram elementos fundamentais na reconstrução das ruínas e na recuperação das fazendas de gado. Trouxeram suas ferramentas, seus laços endurecidos, seus amargos tererés, suas lindas guarânias e foram apagando da lembrança coletiva as consequências de uma Guerra injusta, formando uma sociedade de gente livre, forte e, sobretudo, amiga e fraterna. 

Fontes:

- Augusto César Proença (escritor e autor de *Pantanal, Gente, Tradição e História*); e
- Paulo Pitaluga Costa e Silva

